



Pradipto Ayon Chaudhuri

CURSO – ECONOMIA/USP

“O que as empresas querem ver é o seu interesse e a sua capacidade de aprender”

Pradipto veio da Índia para o Brasil com seus pais, para morar em São Paulo. Depois, morou em Manaus, mas voltou a São Paulo para estudar no Colégio Etapa. Atualmente, após cursar Economia na FEA/USP, ele trabalha no mercado de energia e agro, e, nesta entrevista, nos conta um pouco sobre sua trajetória.

JC – Em que ano você se formou no Colégio Etapa?

Pradipto – Me formei em 2017.

Como você veio estudar com a gente?

Meus pais são professores de Física e, em 2010, vieram casados da Índia para um projeto de segundo pós-doutorado aqui em São Paulo, e eu vim junto. Mudança de cidade nunca é tranquila. Em 2011, fui com a minha família para Manaus, mas depois voltei para São Paulo para fazer o AP (Advanced Placement) no Etapa.

Como se deu a escolha pela Economia?

No colégio, eu ia bem em Exatas, mas não era muito fã de Física e Química. Como eu gostava de História, de Geopolítica e de Matemática, eu decidi pela carreira de Economia, que combina essas áreas, então, na época, parecia ser uma escolha que fazia sentido.

Como foi o processo dos vestibulares e como se deu sua decisão de estudar na USP?

Além dos vestibulares nacionais, eu prestei para universidades no exterior, e passei na de Toronto, na British Columbia e também na USP. Em 2018, enquanto esperava os resultados das faculdades internacionais, eu frequentei as aulas na USP, e, quando estava no 2º ano do curso, tive que tomar uma decisão, pois já estava quase na metade do curso, então resolvi ficar lá mesmo, porque sair do Brasil não compensava financeiramente.

Como foi o tempo que passou na USP?

Eu achei bem tranquilo. Na FEA, a carga horária não é tão pesada, então sobra tempo para fazer tudo. Além disso, a USP tem muitas oportunidades em termos de esportes, eventos acadêmicos e festas, então você acha a sua turma bem rápido. Meus pais trabalham no campo acadêmico e queriam que eu seguisse essa carreira, então eu decidi testar diferentes aulas e fazer iniciação científica e, assim, visar a uma área mais acadêmica. Foi legal, eu aprendi bastante, apesar de, no final, ter decidido que essa carreira não era para mim e ter seguido para o mundo corporativo.

Qual foi o tema da sua iniciação científica?

Eu fiz uma comparação da evolução da desigualdade econômica regional entre a Índia e o Brasil. Diferentemente do Brasil, a Índia possui 27 estados e 6 distritos federais.

Qual foi a conclusão desse trabalho?

A conclusão foi que o crescimento econômico no Brasil é bem convergente, tentando consolidar e diminuir as desigualdades regionais dentro do país. O crescimento econômico indiano é diferente, focado na costa e na região Sul; a região Nordeste é voltada para a infraestrutura do governo, por causa de segurança nacional, já que faz fronteira com a China. Assim, o meio do país acaba meio perdido. Ao longo do tempo, no Brasil, o Norte e o Nordeste, que são regiões mais pobres, cresceram mais em termos sociais do que o Sul e o Sudeste; na Índia, ao contrário, as regiões mais pobres cresceram menos e a desigualdade aumentou.

ENTREVISTA

Carreira – Economia

1

CONTO

O lapso – Machado de Assis

6

ARTIGO

Por que as mulheres são maioria na pós-graduação, mas ocupam menos da metade dos cargos de docência nas universidades?

3

Como foram as suas aulas no período da pandemia?

Eu estava no 3º ano do curso quando veio a pandemia. A adaptação da FEA às aulas on-line foi rápida, não ficamos 3 ou 4 meses parados, como ocorreu em outros cursos. Consegui aprender coisas, mas não o tanto que iria aprender se estivesse tendo aulas presenciais.

Você fez algum estágio durante esse período?

No 3º ano eu consegui um estágio no Banco Safra. Eu trabalhava dentro da área de crédito, lidando com empresas na área de agro que tinham contratos acima de 1 bilhão de reais. Ao todo, eu fiquei um pouco mais de 1 ano trabalhando lá: foram 9 meses como estagiário e 6 meses como funcionário efetivo.

Depois do Banco Safra, você fez algum outro estágio?

Sim. Estagiei no lugar onde trabalho atualmente, que é um fundo de investimento chamado MOS. Trabalho basicamente com energia elétrica e agro.

Em termos gerais, o que você viu em cada ano da faculdade?

No 1º ano, basicamente são matérias de introdução: História, Cálculo e Estatística. A partir do 2º ano, e principalmente no 3º e no 4º, tem mais matérias de Economia mesmo. No 2º e no 3º ano, comecei a estudar Microeconomia e Macroeconomia: como se relacionam a taxa de inflação, a taxa de juros e o crescimento econômico, e, assim, aprendi como a Economia, na realidade, é uma cadeia como um domínio: uma coisa impacta outra. No 4º ano, tive Estatística mais robusta, voltada para Economia, estudando como ela se aplica nos problemas econômicos. Agora, a grade de Economia também tem Computação, que não tinha na minha época, o que é fundamental.

Atualmente, qual a sua visão sobre trabalhar com Economia?

Quando eu entrei no curso, eu gostava de mercado financeiro, e hoje vejo que, com 17 anos, eu tinha uma ideia muito tosca sobre essa área, mas eu continuo gostando e continuo trabalhando com ela. A Geopolítica para quem está no mercado de ações é muito importante: se a China fecha a fronteira para os suínos brasileiros, as ações de algumas empresas vão despencar, então é fundamental entender como funcionam essas relações para se preparar, prever e não ser pego de surpresa. Por outro lado, Economia é uma área muito teórica: foca nas artimanhas da taxa de juros, da economia monetária, da política monetária, da política fiscal, etc. A Economia nada mais é que várias roldanas mexendo outras roldanas.

Como disse anteriormente, hoje você trabalha na MOS, lidando com ações, agro e energia elétrica. Que atividades você faz nesse trabalho?

Eu acompanho as ações do setor como um todo, desde a parte de geração de energia solar, hidrelétrica e eólica até a parte de distribuição e transmissão dessas energias.

Em geral, você e seus colegas se formaram no período ideal do curso ou postergaram a formatura?

Eu me formei em 2021, no período ideal. Da galera que entrou comigo, em 2018, poucos se formaram nesse tempo. Alguns postergaram por escolha própria, outros não conseguiram terminar a grade a tempo, talvez por impacto da pandemia, não sei a situação de cada um.

Com o que você acumulou de bagagem no curso da FEA, você acha que saiu da universidade preparado para encarar o dia a dia profissional ou teve que buscar algum conhecimento por conta própria?

O curso de Economia me deu o arcabouço geral, uma perspectiva macro de como funcionam e de como eu deveria enxergar as coisas. Já o micro, no meu caso, ligado ao mercado financeiro, ficou mais restrito em quanto vale uma ação. Na FEA tem entidades como a FEA Finance e algumas eletivas que ajudam quem quer ir para o mercado financeiro, além dos derivativos e do Project Finance, mas são poucas as oportunidades voltadas para essa área, e a grade principal de Economia não vai te preparar para ela.

O que você pretende fazer a partir de agora? Pretende fazer algum MBA?

Eu fiz o nível 1 do CFA (Chartered Financial Analyst), e vou fazer o nível 2 em maio deste ano. O CFA serve como MBA: são 3 níveis; 300 horas por nível. Se tudo der certo, termino no ano que vem, e, então, terei que decidir se faço um mestrado mais focado em finanças aqui ou no exterior.

Na hora de concorrer a uma vaga de emprego, o que conta como diferencial?

O que as empresas querem ver é o seu interesse e a sua capacidade de aprender. Você pode fazer uma iniciação científica na sua área, por exemplo, na Liga de Mercado Financeiro; isso demonstra interesse e agrega muito ao currículo. Além disso, vale a pena procurar coisas por fora da faculdade, ligadas a *hard skills*, como um curso de Excel, que é uma ferramenta que você precisa ter para poder trabalhar. Em algumas áreas, saber programar é muito importante. Ainda, dominar a língua inglesa é quase obrigatório na maioria das áreas.

Do tempo que estudou no Etapa, que matérias te ajudaram profissionalmente?

Eu já usei bastante tanto História quanto Geografia. Agora que trabalho mais na parte de hidrelétricas, o que eu aprendi em Eletromagnetismo no colégio voltou a ser relevante, e eu nunca esperaria que isso seria útil na minha vida profissional.

O que você diria sobre Economia para os estudantes que ainda estão decidindo sobre seguir essa carreira?

Na Economia, basicamente, você precisa quantificar coisas qualitativas e, se você gosta de política, de entender histórias, como os fatos afetam a realidade e o futuro, e a mecânica de tudo isso, a Economia pode ser muito interessante para você seguir. Ela junta Matemática e História, de forma a estudar como essas áreas se aplicam hoje para entender o amanhã e, assim, fazer com que o amanhã seja melhor do que o hoje.

Você gostaria de dizer mais alguma coisa para os nossos estudantes?

Gostaria de dizer para os estudantes que irão viver o vestibular não desistirem, mesmo com essa fase sendo turbulenta e de muito nervosismo. Se vocês querem alguma coisa, devem ir até o final, pois as coisas dão certo, mesmo que elas ocorram de alguma forma que vocês não imaginem agora.